

Graphos

Revista da Pós-Graduação em Letras da UFPB

VOL. 15, Nº 2

2013

Universidade Federal da Paraíba

Reitora

Margareth de Fátima Formiga Melo Diniz

Programa de Pós-Graduação em Letras

Coordenadora

Socorro de Fátima P. Barbosa

Revista Graphos

Editores

Expedito Ferraz Júnior

Fabício Possebon

Organizadores do Dossiê

LITERATURA E PSICANÁLISE

Socorro de Fátima P. Barbosa (UFPB)

Márcia Maria Rosa Vieira Luchina (UFMG)

Conselho Editorial

Genilda Azerêdo

Luiz Antonio Mousinho Magalhães

Marta Pragana Dantas

Luciana Eleonora de Freitas Calado Deplagne

Conselho Consultivo

Aloísio Dantas (UFCG)

Cristina Mello (Universidade de Coimbra)

Elisalva Madruga Dantas (UFPB)

Ester Míriam Scarpa (UNICAMP)

Genilda Azeredo (UFPB)

Gentil Luís de Faria (UNESP/ Rio Preto)

Henrique Graciano Murachco (USP)

Juan Antônio Lopes Ferez (UNED/Espanha)

Juvino Alves Maia Júnior (UFPB)

Maria da Gloria Bordini (PUC/RS)

Maria de Fátima B. de M. Batista (UFPB)

Maria do Rosário Gregolin (UNESP/Araraquara)

Maria do Socorro Aragão (UFC)

Maria Nazaré Soares Fonseca (UFMG)

Mônica Nóbrega (UFPB)

Nadilza M. de B. Moreira (UFPB)

Peggy Sharpe (Florida State University)

Rita Terezinha Schmidt (UFRGS)

Valdir Flores (UFRGS)

Luiz Antonio Mousinho Magalhães (UFPB)

Pareceristas Ad hoc

Altamir Botoso (UNIMAR)
Cristina Marcos (PUC-MG)
Fabiana Sena (UFPB)
Genilda Azerêdo (UFPB)
Jacob Biziak (UNESP)
Luciana Calado (UFPB)
Ludmila Almeida (UFG)
Márcia Luchina (UFMG)
Nadia Laguardia (UFMG)
Ricardo Ferreira Martins (UNICENTRO)
Socorro de Fátima P. Barbosa (UFPB)

2013

Apresentação

Literatura e Psicanálise: uma via de mão dupla

Socorro de Fátima P. Barbosa
(Programa de Pós-graduação em Letras UFPB)

Este número da *Revista Graphos* com o tema Literatura e Psicanálise é uma demanda antiga do Programa de Pós-graduação em Letras que vem há anos produzindo trabalhos na área da psicanálise, sobretudo, em articulação com a linguística, sem contudo deixar de incluir a literatura em seus quadros. Desde o tempo em que Freud estabeleceu a relação de proximidade entre estes dois campos de conhecimento muita coisa mudou tanto no que concerne ao papel da psicanálise como instrumento de análise de textos literários, como na concepção que os estudiosos da literatura têm deste objeto, do seu papel na subjetivação dos sujeitos e no modo de abordar e concebê-la.

Dessa forma, no início do século XX, com o advento e consolidação do formalismo como teoria de análise literária, as possibilidades da psicanálise como método de análise literária foram colocadas em xeque e condenadas à simplificação do psicobiografismo, ou do reducionismo, uma vez que não se podia fazer da obra objeto de investigação nem da biografia do autor, tampouco exercícios de análise dos personagens dos romances, como se fossem casos clínicos.

Sob a égide do estruturalismo matou-se o autor e, por conseguinte, qualquer possibilidade de análise do inconsciente, matéria mesma da psicanálise. Foi Roland Barthes [1976] quem demonstrou que, ao contrário do que pregavam os estruturalistas, um texto carece de um leitor que lhe dê sentido, motivado que é pelo erotismo da palavra, o “leitor é, por assim dizer, puxado para frente ao longo do livro, por uma força que é sempre mais ou menos disfarçada, da ordem do suspense: o livro vai se abolindo pouco a pouco, e é nesse desgaste impaciente, arrebatado que reside o gozo” (BARTHES, 2004, p. 39). Barthes vai mais além e identifica a curiosidade do leitor com a escuta da cena original. De alguma forma, o escritor francês retoma, à luz do seu tempo, a relação íntima que Freud identificou entre a obra poética e de ficção com o fantasiar dos leitores que mantém estes textos vivos pelas suas leituras.

Freud (1908 [1907]), em “Escritores criativos e o devaneio”, chama a atenção para o poder da fantasia:

A linguagem preservou essa relação entre o brincar infantil e a criação poética. Dá [em alemão] o nome de ‘*Spiel*’ [‘peça’] às formas literárias que são necessariamente ligadas a objetos tangíveis e que podem ser representadas. Fala em ‘*Lustspiel*’ ou ‘*Trauerspiel*’ [‘comédia’ e ‘tragédia’: literalmente, ‘brincadeira prazerosa’ e ‘brincadeira lutuosa’], chamando os que realizam a representação de ‘*Schauspieler*’ [‘atores’: literalmente, ‘jogadores de espetáculo’]. A irrealidade do mundo imaginativo do escritor tem, porém, conseqüências importantes para a técnica de sua arte, pois muita coisa que, se fosse real, não causaria prazer, pode proporcioná-lo como jogo de fantasia, e muitos excitamentos que em si são realmente penosos, podem tornar-se uma fonte de prazer para os ouvintes e espectadores na representação da obra de um escritor (FREUD, 1908, V. IX, 2006, p. 136)

Esta afirmação de Freud faz todo o sentido atualmente, quando a literatura foi reintegrada à sua condição histórica. Como afirma Peter Gay (1990, p. 123), não há gozo estético nem prazer intelectual que justifique a permanência de algumas obras do cânone literário. A permanência e a atração exercidas pela obra de Sófocles pode demonstrar o fato de que a fantasia que o animou “reunia desejos inconscientes e conflitos inconscientes que todos os homens abrigam e saúdam quando encontram sua representação, com um choque de reconhecimento. O triângulo erótico, vivido pela primeira vez no início da infância e reencenado na vida adulta é imortal”.

Pode-se afirmar que os quinze artigos, aqui reunidos, tomam a psicanálise na sua mais larga acepção como método de análise e interpretação. Do mito à poesia, do romance contemporâneo aquele do século XIX, a psicanálise se presta à leitura do que nos captura nessas obras, principalmente a ficção veiculada pelo cinema, como demonstra o artigo de Natanael Duarte de Azevedo.

Desde a publicação de *A literatura em perigo* (2006) de Todorov que se lançaram por terra os dilemas sobre a biografia, a sociologia e a antropologia dos textos literários. Atualmente, o conceito de literatura a inclui obrigatoriamente como prática histórica: “A literatura não nasce no vazio, mas no centro de um conjunto de discursos vivos, compartilhando com eles numerosas características; não é por acaso que, ao longo da história, suas fronteiras foram inconstantes” (TODOROV, 2006).

Do mesmo modo, desde Lacan que se compreende a psicanálise como discurso “que remete, na constituição de seu campo, à prática de um discurso constituído pela prática mesma por sua clínica e pela teoria necessária e decorrente. Prática, clínica e teoria enlaçadas borromeamente na constituição de um laço social singular” (VILLARI, 1997, p. 123). Assim, quem aqui escreve utiliza, talvez sem o saber, os aspectos teóricos da Psicanálise, já que não existe nem uma prática, nem a clínica. Mas este é um caminho de mão dupla, impossível de ser pensado há algumas décadas passadas: a psicanálise serve à literatura ao mesmo tempo em que a

literatura ajuda a teoria psicanalítica (VILLARI, 1997). Passemos ao comentário dos artigos aqui reunidos que, possibilitam visualizar esta mão dupla, à qual nos referimos.

Pode-se observar o artigo “Uma reflexão freudiana acerca da personagem feminina de Helena Parente Cunha no conto “O pai”, da autoria de Patrícia Maria dos Santos Santana, é exemplar das possibilidades de análise oferecidas pela vasta obra de Freud. Utilizando-se de *Totem e Tabu* (1913), menos como obra de psicanálise, mas como apoio sociológico, a autora tenta desvendar os implícitos da luta feminina contra o patriarcalismo que funda a nação brasileira e contra o qual parece inútil resistir.

Seguindo os rastros do estudo de Jean-Michel Rey, Marília Moreira e Márcia Rosa Luchino demonstram no artigo “A função da escrita em Antonin Artaud” a estreita relação entre a escrita poética e as possibilidades de inscrever o psicótico no laço que o aperta ao mundo. A linguagem, nestes casos, funciona como lugar de escoamento da obsessão do Outro. Neste estudo é possível perceber, para desprezo dos que tomam o texto a partir de sua imanência, a relação estreita entre a poesia e aquele que a escreve. A psicose do autor e a sua relação com a escrita literária também é o tema do artigo “Loucura e obra: por uma afinidade sutil”, de Laura Lustosa, que toma como corpus a obra de um autor pouco conhecido do universo literário. Trata-se de Robert Walser, escritor suíço que, assim como Artaud, também foi internado em instituições psiquiátricas. Avesso à notoriedade, Walser morreu sozinho nas montanhas nevadas da Suíça. Contudo, antes de tratar da obra do escritor suíço, a autora traça um brilhante percurso sobre a relação posta entre a psicose e a literatura. Retomando o que afirma Foucault, sabe-se que “o ser da literatura, tal como ele se produz depois de Mallarmé chegando até nós, ganha a região na qual se faz, a partir de Freud, a experiência da loucura”.

“(Des)encontros com o tempo: semioses da fantasia literária”, de Hermano França Rodrigues, aborda à luz de constructos teóricos da semiótica psicanalítica, o poema *Motivo*, de Cecília Meireles. No confronto entre a religiosidade e as pulsões, o que prevalece, segundo o autor, é a possibilidade de a “psicanálise, em sua cartografia das pulsões”, oferecer uma interpretação cujo componente humano obedece aos princípios eróticos e às forças destrutivas – que ele considera como “semióticas relacionadas à pulsão de morte que abrigam afetos como angústia, tristeza e desolação, fazendo surgir desejos de separação e aniquilamento”. A poesia e a psicanálise são objeto de reflexão do artigo “Augusto dos Anjos e a Psicanálise: um diálogo em dois passos”, de Raíra Maia Costa de Vasconcelos, no qual a autora analisa as expressões de sofrimento do eu-lírico dos poemas “O lamento das coisas” e “Último credo” e suas relações com o desejo.

É também o Freud, que tenta localizar o sujeito na sociedade, de “Mal-estar na civilização”, quem dá suporte para o artigo de Maurício Eugênio Maliska, “O homem na cultura: reflexões a partir da literatura e da psicanálise”, articulando os princípios do prazer e civilizatório a três versões do mito de Prometeu.

Maria Sílvia Antunes Furtado e Flavia Trocoli¹ buscam em “Entre *Barragem contra o Pacífico* e *o Amante*: a travessia e o desejo” recuperar e discutir, numa espécie de psicobiografia, as instâncias narrativas que configuram a permanência de temas, de paisagens e de personagens em dois romances distintos de Marguerite Duras, separados por três décadas. Em a *Barragem contra o Pacífico* (1950) e *O amante* (1984) o tema da biografia da autora – os dados biográficos, a composição familiar, os traços da mãe, dos irmãos, o romance com o chinês, a sua vida estrangeira na Indochina – se impõe como uma obsessão Significante que se reproduz na escrita. Dizendo com as autoras, na escrita de Duras há algo “pela qual ela se deixa atravessar, ao passar pela escrita isso que lhe é mais íntimo e, ao mesmo tempo, mais exterior, na medida em que vem do Outro. Duras é falada, habitada por sua escrita”.

“A angústia e a ficção contemporânea: uma reflexão”, de Jacob dos Santos Biziak e Márcia Valéria Zamboni Gobbi é uma defesa da incorporação da angústia como um dos elementos que compõem a estrutura da narrativa. A reflexão é ilustrada com exemplos de romances de José Saramago. As incertezas do tempo presente tornam onipresente a angústia como constitutivo indelével dos vários sujeitos que compõem o universo da ficção: “o que escreve, o que narra, o que é personagem e o que lê”.

É nesta mesma perspectiva que Natanael Duarte aborda o filme *Seven*, de David Fincher. Em “Seven: a manipulação do perverso em nome da lei”, a psicanálise é utilizada tanto para elucidar o papel da perversão como constitutivo do personagem Jonh Doe, como para compreender o modo de construção da narrativa fílmica e de sua apropriação por aquele que o assiste. Retomando, pode-se aplicar àquele que goza com o filme *Seven* o que afirma Freud (1908 [1907]) em “Escritores criativos e devaneio”:

A irrealidade do mundo imaginativo do escritor tem, porém, consequências importantes para a técnica de sua arte, pois muita coisa que, se fosse real, não causaria prazer, pode proporcioná-lo como jogo de fantasia, e muitos excitamentos que em si são realmente penosos, podem tornar-se uma fonte de prazer para os ouvintes e espectadores na representação da obra de um escritor.

Em “A memória é um lugar em que o tempo se derrama: uma análise de *Leite derramado* de Chico Buarque”, Valéria Silveira Brisolara articula a concepção de memória topográfica de

¹ Supervisora do artigo.

Márcio Seligmann-Silva, com o conceito de vestígio aos princípios do trauma, como conceito psicanalítico, significando “uma ferida na memória”.

O artigo “Narrando a queda: temporalidade e trauma em um romance de Michel Laub”, de Laura Assis, tem em comum com o artigo acima, o fato de analisar um romance recentemente publicado e fazê-lo a partir da leitura do trauma de Márcio Seligmann-Silva. O romance *Diário da queda*, de Michel (2011), é construído em torno de três gerações de uma família judia, cujos personagens têm suas existências definidas por seus traumas do passado.

“Do Hamlet edipianizado à ecologia mental e social: reflexões sobre segmentaridade molar e molecular”, de Jorge Alves Santana e Alexssandro Ribeirto Moura retoma a tradição dos estudos freudianos sobre os efeitos da tragédia no espectador e alia aos pressupostos de Deleuze e Guattari (1996), para quem no Complexo Édipo haveria uma “maquinaria molecular”, que flexibilizaria a fronteira entre inconsciente. A partir desta nova re-engenharia, os autores verificam as condições dos processos de subjetivação na edipianização de Hamlet.

A formulação de conceitos e a compreensão do sujeito a partir da literatura não foi uma prerrogativa apenas de Freud. Lacan, parte da vida do escritor irlandês James Joyce, e cunha a expressão *sinthome*, compreendido como “suplência de sua firmeza fálica”. Roberto Harari (2003, 2008), por sua vez, cria a expressão “Psicanálise pós-joyceana para nomear os estudos de Lacan elaborados a partir dos efeitos da sua leitura dos escritos de Joyce. O artigo “Psicanálise pós-joyceana: o conceito de *sinthome* em Lacan a partir das contribuições de Joyce” retoma e analisa este caminho.

Também é com base na teoria de Lacan que Cristina Marcos aborda o romance *Água Viva*, de Clarice Lispector, a que denomina objeto gritante, em “A escrita da voz em Clarice Lispector: *Água Viva*”. Para a autora, “essa escrita leva a linguagem ao seu limite, exibindo uma deflação do imaginário, da narrativa para se afirmar enquanto ritmo, pulsação”.

Se o leitor me seguiu até aqui não deixou de perceber as possibilidades da psicanálise como método de análise da ficção, da poesia e do cinema, extrapolando, em muito, os limites que alguns teóricos lhe impõem. Boa leitura!